

# A transferência de trabalho, do passe ao passe: tempo do laço<sup>1</sup>

---

Maria Laura Cury Silvestre

## Resumo

A partir de sua própria experiência nos dispositivos do cartel e do passe, dispositivos de base da Escola lacanianiana, a autora propõe a construção do tempo de se recrutar como membro de Escola tal qual um movimento lógico, utilizando para isso o texto “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada”, de Lacan. Parte da hipótese de que a transferência de trabalho como participação no desejo do saber anima uma comunidade de trabalho e faz convocação, chamando ao laço quem puder se recrutar. Laço particular, por ter o vazio em sua célula central, que enlaça, portanto, cada um pelo vazio, pelos furos da própria estrutura em rede que faz a Escola não toda.

## Palavras-chave:

Transferência de trabalho; membro de Escola; Laço.

## The transfer of work, from pass to pass: the bonding time

### Abstract

Based on her own experience with the devices of the cartel and the pass, the basic devices of the Lacanian School, the author proposes the construction of the time to recruit oneself as a member of the School as a logical movement, using Lacan's text “Logical time and the assertion of anticipated certainty.” She starts from the hypothesis that the transfer of work as a participation in the desire for knowledge animates a working community and summons those who can recruit themselves into a bond. A particular bond, because it has the void in its central cell, which therefore binds each one through the void, through the holes in the very network structure that makes the School not-all.

### Keywords:

Transfer of work; member of the School; Bond.

---

<sup>1</sup> Este texto foi apresentado no Espaço Escola, no Fórum do Campo Lacanianiano de São Paulo (FCL-SP), no dia 11 de abril de 2022.

## **La transferencia de trabajo, del pase al pase: tiempo del lazo**

### **Resumen**

A partir de su propia experiencia en los dispositivos del cartel y del pase, dispositivos de base de la Escuela lacaniana, la autora propone la construcción del tiempo para reclutarse como miembro de Escuela como un movimiento lógico, utilizando el texto de Lacan “El tiempo lógico y el aserto de certidumbre anticipada”. Parte de la hipótesis de que la transferencia de trabajo como participación en el deseo de saber anima a una comunidad de trabajo y convoca al lazo a quienes pueden ser reclutar. Un lazo particular, porque tiene el vacío en su célula central, que por lo tanto enlaza a cada uno a través del vacío, a través de los agujeros de la propia estructura de red que hace la Escuela no-toda.

### **Palabras clave:**

Transferencia de trabajo; miembro de Escuela; Lazo.

## **Le transfert de travail, de la passe à la passe : le temps du lien**

### **Résumé**

À partir de sa propre expérience dans les dispositifs du cartel et de la passe, dispositifs de base de l'École lacanienne, l'auteur propose de construire le temps de se recruter comme membre d'École comme un mouvement logique, en s'appuyant sur le texte de Lacan « Le temps logique et l'assertion de la certitude anticipée ». Elle part de l'hypothèse que le transfert de travail comme participation au désir de savoir anime une communauté de travail et fait appel, convoquant à ce lien ceux qui peuvent se recruter. Un lien particulier, parce qu'il a le vide dans sa cellule centrale, qui lie donc chacun à travers le vide, à travers les trous de la structure du réseau qui fait l'École pas-tout.

### **Mots-clés :**

Transfert de travail ; membre d'École ; Lien.

Por que falar de transferência de trabalho, ainda? Essa é uma pergunta que ouvi de meu colega Rodrigo Pacheco, em um encontro recente de nosso cartel sobre transferência de trabalho. Seria dele, então, a pergunta? Ou do cartel? Eu hoje arrisco dizer que a pergunta não seria sem o cartel, e, portanto, posso dizer que é minha. Vou começar por aí e arriscar ainda outra pergunta: de quem é o saber que se produz no cartel e no passe? Espero conseguir retornar a ela ainda ao final desta fala.

No texto que apresentei no último Encontro Nacional da Escola, em 2021, parti de uma declaração: no princípio, estava a transferência de trabalho. Hoje vou tentar falar sobre o tempo, que é a proposta deste nosso Espaço Escola. A pergunta da qual parti para falar aqui hoje foi: o que aconteceu no tempo entre o primeiro sorteio para ser passadora e estar no passe como passante? No meu caso, esse tempo foi o tempo para consentir com o laço à Escola, para consentir a uma identificação “por participação”, como diz Colette Soler em *O que faz laço?*, referindo-se a uma expressão de Lacan no *Seminário 24*: “participação no desejo que anima o outro e, no caso da transferência de trabalho, participação na falta que anima seu trabalho” (Soler, 2016, p. 50).

Para mim, ainda é necessário falar de transferência de trabalho, porque foi isso que aconteceu nesse tempo entre o primeiro sorteio para a função passador e o momento de me apresentar ao passe como passante: do passe ao passe, como diz meu título. Esse foi um tempo de me “recrutar” (Lacan, 1973/2003, p. 311), para usar o termo de Lacan na “Nota italiana”. Em outras palavras, chamo de transferência de trabalho essa espécie de consentimento torcido, moebiano, em que não é somente Rodrigo que precisa consentir em me ceder gentilmente sua pergunta para que eu possa fazê-la minha, mas sou eu que também reconheço e consinto que minha pergunta possa ser produzida na boca alheia, quando estamos em um cartel. E posso dizer o mesmo com relação a estar no passe como passante, quando tomo como minhas algumas produções das passadoras e verifico que há um saber que se produz no encontro. Não sem o dispositivo, portanto.

Pensando em como falar desse tempo, ocorreu-me um clássico.

Volto, então, a “O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada” (Lacan, 1945/1998), e ali encontro chaves que me ajudam a construir uma estrutura mínima para tentar dizer de todo o movimento lógico que ocorreu em mim a partir daquele que chamo de meu instante de ver e que situo um pouco antes do primeiro sorteio para a função passador. Meu instante de ver se deu com o impacto fortíssimo do XVII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), que foi minha primeira reaproximação com relação a essa comunidade de trabalho, dez anos após a dissolução de meu primeiro e, até ali, único cartel. Situado aí meu instante de ver porque, da mesma

forma que no sofisma dos três prisioneiros, não se trata de ver como espectadora. Ali, naquele encontro inédito, fui radicalmente desapoltronada. Não há como atravessar o sofisma a não ser que se esteja, de fato, nele.

O que vi ali, evidentemente, não foi o grupo, já um velhíssimo conhecido. O que vi ali, operando, era outra ordem de laço e ressignificou minha experiência anterior em cartel, ou talvez, ao contrário, foi ressignificado por ela, o que desafia a lógica cartesiana e subverte a sequência “antes-depois”. Roubei essa provocação da apresentação do artigo sobre o tempo lógico, nos *Escritos*, e vou me fazer valer dela aqui. Diz Lacan: que esse artigo “possa ressoar uma nota justa entre o antes e o depois em que o situamos aqui, mesmo que demonstre que o depois se fazia de antecâmara para que o antes pudesse tomar seu lugar” (Lacan, 1945/1998, p. 197). Se vi ali a transferência de trabalho em ato, para além do grupo de sempre, é porque pude reconhecê-la, coisa que não teria acontecido se já não a tivesse encontrado dez anos antes, naquele cartel.

Esse laço, Colette Soler (2016, p. 51) o chama laço histórico, ou “grupo propriamente histórico, cuja mola propulsora é a participação no desejo do outro, e não nas insígnias do Outro”. Identificação histórica que é “identificação participativa ao desejo do outro, regulada por aquilo que está no cerne do nó, ou seja, o objeto *a*” (Soler, 2016, p. 86). “A participação histórica no desejo do saber”, diz ela, “é a própria definição de transferência de trabalho” (Soler, 2016, p. 88). Ora, se sabemos, acompanhando a construção lacaniana, que o objeto *a* é a falta de objeto, é o “não há”, é o “não é isso”, podemos deduzir que uma comunidade animada pela transferência de trabalho é uma comunidade movimentada pela falta. Um nó social que tem o vazio em sua célula central e, costuma-se dizer, pode fazer Escola.

O essencial do que quero destacar aqui é que, ali, nesse meu instante de ver, eu me permiti enlaçar. Não sem hesitação, mas, como podemos ler nesse artigo de Lacan, as hesitações são parte imprescindível dessa construção lógica. A partir de minha experiência particular, tenho a hipótese de que a transferência de trabalho como participação no desejo do saber movimenta e faz convocação e, dessa forma furada, pode chamar ao laço quem puder se recrutar. Em meu caso, algo desse laço muito particular que anima essa comunidade de trabalho já havia sido transmitido naquele meu primeiro cartel, e por isso é tão difícil localizar onde foi o meu “eu vi”. Assim, parece-me fundamental recolocar o tempo em termos lógicos. Diz Lacan: “O tempo de compreender pode reduzir-se ao instante do olhar, mas esse olhar, em seu instante, pode incluir todo o tempo necessário para compreender. Assim, a objetividade desse tempo vacila com seu limite” (Lacan, 1945/1998, p. 205). Se nos dispusermos a tomar o tempo em seus movimentos lógicos, creio que podemos conceber um consentimento construído e elaborado em um passo a passo lógico, tal qual Lacan nos apresenta precisamente nesse ar-

tigo, e que tem a ver com o próprio movimento do saber, incluindo as hesitações e moções suspensas que cada um vai topando pelo caminho. Portanto, esse consentimento não tem minimamente parentesco com o “eu quero fazer parte disso”, mas está mais afim ao que Lacan chama de “asserção sobre si, pela qual o sujeito conclui o movimento lógico na decisão de um juízo” (Lacan, 1945/1998, p. 206), qual seja: sou branco.

Penso, então, que todo o turbilhão que acompanhou os dois sorteios para a função passador, bem como o final da análise propriamente dito, e mais uns tantos desdobramentos são parte desse tempo para compreender, que se estende até que surja a urgência do momento de concluir. De concluir o tempo para compreender. Para mim, foram alguns passos claros, que me ultrapassaram a cada vez. É claro que, se fui sorteada duas vezes para ser passadora, contei com um bocadinho de sorte. Mas a sorte não basta, assim como não bastaria aos prisioneiros. É preciso construir a saída do impasse. A cada passo, é preciso mais um consentimento. Quando eu já estava engajada em alguns trabalhos, a carta à Comissão Local Epistêmica de Acolhimento e Garantia (Cleag) com o pedido para ser membro de Escola, seguida da entrevista, desalojou a última hesitação, e a pressa se materializou, vertiginosa, e o momento de concluir se impôs como um dever ético. Como já disse em outro lugar, apresentei-me ao passe como passante, porque não era possível não o fazer. Depois que a certeza antecipada despencou na minha cabeça, era preciso me recrutar e declarar “sou branco” imediatamente.

Mas que fique claro que o momento de concluir nada tem de fechamento ou conclusão. O momento de concluir está para concluir o tempo para compreender e precipita a declaração “sou branco” frente aos outros. A saída dos prisioneiros do sofisma, se aplicada a uma Escola de psicanálise, aponta muito mais à entrada nesse laço particular que permite aos analistas sustentarem seu recrutamento diário e constante da formação permanente, do desassossego como estilo de vida, do desapoltronamento radical. Sozinho, mas não sem alguns outros, como sempre dizemos. A transferência de trabalho não enlaça dois a dois, este com aquele, pois se trata nesse laço de um nó que tem o vazio em sua célula central, como eu disse antes. Enlaça, portanto, cada um pelo vazio, pelos furos da própria estrutura em rede que faz a Escola não toda. Nada de enlace olímpico para os analistas.

Volto, então, à pergunta do início: de quem é o saber que se produz no cartel e no passe? Não me parece que seja deste ou daquele. Trata-se, muito mais, de um saber da Escola, e para a Escola. Um saber que vale mais pelo movimento de saber do que pelo montante acumulado. De modo que não sei exatamente se este texto é somente meu. Teria ele acontecido sem o convite dos delegados do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP) para falar sobre isso? Teria ele acontecido sem Rodrigo Pacheco, Maria Claudia Formigoni e Julieta De Battista, meus

companheiríssimos de cartel, nessa jornada em torno da transferência de trabalho? Sem o *thesaurus* sobre essa expressão que eu e Maria Claudia estamos organizando há alguns anos? Isso sem contar a máxima de Silvia Migdalek, a quem jamais serei suficientemente grata por ter dito que a Escola não é lugar de analistas “apoltronados”, significante do qual me apropriei para nunca mais largar.

É preciso falar de transferência de trabalho, ainda, porque, como sempre diz Sandra Berta, é preciso cuidar de nossos laços, os laços de trabalho que podem permitir que se mantenha viva e desassossegada uma comunidade de esparsos díspares.

### Referências bibliográficas

- Lacan, J. (1998). O tempo lógico e a asserção da certeza antecipada. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1945)
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J. Lacan. *Outros escritos* (p. 311). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1973)
- Soler, C. (2016). *O que faz laço?*. São Paulo: Escuta.

**Recebido:** 01/06/2024

**Aprovado:** 15/06/2024